

CULTURA DIGITAL E IGREJA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cultura digital e Igreja : desafios ético-pastorais / organizado por Moisés Sbardelotto, José Antonio Trasferetti, Ronaldo Zacharias. – São Paulo: Paulus, 2025.
(Coleção Ministérios)

ISBN 978-85-349-5801-1

1. Cultura digital - Aspectos religiosos - Igreja católica 2. Igreja e meios de comunicação
3. Internet e religião I. Sbardelotto, Moisés II. Trasferetti, José Antonio III. Zacharias, Ronaldo
IV. Série

25-3367

CDD 261.52

Índice para catálogo sistemático:
1. Cultura digital e Igreja

Coleção MINISTÉRIOS

- *Formação: desafios morais*, VV.AA.
- *Igreja e escândalos sexuais: por uma nova cultura formativa*, VV.AA. (eBook)
- *Formação: desafios morais 2*, VV.AA.
- *Teologia da prevenção: por um caminho de humanização*, VV.AA.
- *Direitos humanos e Doutrina Social da Igreja: da globalização da indiferença à globalização da solidariedade*, VV.AA.
- *Ética teológica e pandemias: entre a razão e a urgência social*, VV.AA.
- *Sexualidade e pastoral: aos párocos e agentes de pastoral*, VV.AA.
- *Ética teológica e discernimento: entre a razão e a educação solidária*, VV.AA.
- *Ternura: uma abordagem ético-teológica*, VV.AA.
- *Formação integral: por uma cultura do cuidado*, Ronaldo Zacharias (org.)
- *Formação: desafios morais 3*, VV.AA.
- *Cultura digital e Igreja: desafios ético-pastorais*, VV.AA.

Moisés Sbardelotto
José A. Trasferetti
Ronaldo Zacharias
(orgs.)

CULTURA DIGITAL E IGREJA

desafios ético-pastorais



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Cícera Martins

Lucas Giron

Luiz Henrique Ribeiro Lima

Design

Alicia de Sousa Camelo

Imagens

iStock

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br
ISBN 978-85-349-5801-1

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães 9

I – IGREJA E AMBIÊNCIA DIGITAL 17

**1. Magistério católico e comunicação:
a promoção de um humanismo relacional** 19

Ronaldo Zacharias

2. As ambivalências das experiências digitais 87

Sílvio Ribas

**3. Cultura digital e experiência *on-life*:
a conectividade como dimensão existencial da contemporaneidade** 109

Moisés Sbardelotto

4. A urgência de repensar os conceitos de território e comunidade 139

Pedro Luiz Amorim Pereira

5. A autoridade dos influenciadores digitais e o poder das *fake news* 157

Alzirinha Rocha de Souza

**6. As cibermilícias católicas e a formação de uma Igreja paralela
no ambiente digital: considerações eclesiológicas** 179

Massimo Faggioli

**7. Repensando a teologia e a prática religiosa
na cultura contemporânea: por uma eclesiologia digital** 199

Heidi A. Campbell, Sophia Osteen, Andrea Wallace

II – AMBIÊNCIA DIGITAL E DESAFIOS EDUCATIVO-PASTORAIS	221
8. A construção do eu e a produção da autoimagem	223
<i>Eliana Massih</i>	
9. O exercício da cidadania e da fraternidade na era digital	245
<i>Joana Terezinha Puntel</i>	
10. De consumidores a produtores de informação: o Pinóquio eletrônico	271
<i>Pedro Gilberto Gomes</i>	
11. O dilema da dependência dos ambientes digitais	293
<i>Aline Amaro da Silva</i>	
12. A subjetividade contemporânea e a crise da verdade: entre bolhas cognitivas e redes digitais	313
<i>Rodrigo Coppe Caldeira</i>	
13. Inteligências artificiais: simulam o humano, mas não o compreendem. Somente o ser humano pode ter responsabilidade ética	339
<i>Fabio Pasqualetti</i>	
14. Os avanços regulatórios sobre os ambientes digitais como expressão do cuidado com as pessoas	367
<i>Rodrigo da Costa Alves</i>	
III – A URGÊNCIA DE UMA NOVA CULTURA FORMATIVA	393
15. Formar para a verdade: a busca da verdade e o valor da ciência ante a escalada da tecnopolítica negacionista	395
<i>Thiago Calçado</i>	
16. Formar para o discernimento: a prioridade da consciência	419
<i>Maria Inês de Castro Millen</i>	
17. Formar para o diálogo: comunicação pela unidade no respeito à diversidade e à pluralidade	447
<i>Magali N. Cunha</i>	

18. Formar para a criticidade: o anúncio e a denúncia profética nos ambientes digitais	467
<i>Ismar de Oliveira Soares</i>	
19. Formar para a ascese: liberdade, autonomia e responsabilidade em rede	503
<i>Faustino Teixeira</i>	
20. Formar para um amor político: a caridade social como imperativo moral	513
<i>José A. Trasferetti</i>	

APRESENTAÇÃO

ÉTICA, O CAMINHO PAVIMENTADO PARA A CULTURA DIGITAL

“Por isso, abandonai a mentira e falai a verdade, cada um ao seu próximo, porque somos membros uns dos outros. Não saia de vossa boca nenhuma palavra maliciosa, mas, na hora oportuna, somente palavras boas, capazes de edificar e de fazer bem aos que as ouvirem” (Ef 4,25.29). Essa passagem é o *proprium* da carta aos Efésios que, dentre os escritos do Apóstolo Paulo, é a que mais traduz as reflexões cristãs das primeiras comunidades em valores e normas do bem-viver cristão, que é a “vida em Cristo”, ápice da espiritualidade cristã. Ela tem, portanto, três ingredientes fundamentais que, de certa forma, tocam a temática geral deste precioso livro, que, com alegria, apresento: a reflexão ética, o agir cotidiano, o ambiente de comunicação, de pregação. Hoje chamamos esse ambiente de cultura digital, que faz galopante a comunicação e tantos outros setores da vida e da sociedade.

A cultura digital é “cultura” não tanto porque lida com o acúmulo de informações, mas porque estabelece uma nova maneira de ser, aprender, fazer, conviver, ao se constituir de um conjunto de valores, conhecimentos, comportamentos e práticas relacionados ao uso de tecnologias digitais, incluindo o uso de dispositivos eletrônicos, a interação com a sociedade digital e a criação de conteúdos. Mas, no patamar de cima, ela é cultura porque vai se transformando na mais importante instância de sentido para as pessoas. A cultura digital é instigante porque, com outras palavras, molda a forma como as pessoas se relacionam, interagem e se comunicam a partir do uso de tecnologias digitais muito avançadas. Trata-se da *internet* definindo como deve ser a sociedade. Ela importa

muito para as empresas, os vários tipos de instituições, os governos, o Estado e as religiões, cada qual buscando seus objetivos, nem sempre louváveis.

A cultura digital é “digital” porque a digitalização do material até pouco tempo analógico, além de tornar tudo mais incrivelmente rápido e produzir imagens de altíssima qualidade e beleza, por meio do microprocessador, abriu o caminho para que os diversos tipos de mídia, diferentes em sua forma física, funcional e estética, passassem a funcionar em conjunto, tornando possível aquilo que é chamado de multimídia e hipermídia, assim como abriu o caminho para a digitalização de incontáveis equipamentos de ponta nos vários setores da vida e da sociedade humanas. O avanço da relação que o ser humano foi estabelecendo com a máquina trouxe consigo muitas alterações no modo como, consequentemente, se relaciona com a informação, o conhecimento, as pessoas e o planeta.

Algumas realidades tipificam a cultura digital, por exemplo, o uso de redes sociais e aplicativos para se resolver quase tudo no dia a dia da vida; a criação de conteúdos digitais; a participação em comunidades e grupos virtuais *on-line*; a utilização do Ambiente Virtual de Aprendizagem; o uso de tecnologias da comunicação e da informação, envolvendo tratamento de dados, com resultados instantâneos; a aplicação do digital no campo da saúde, educação, mobilidade, engenharia e biotecnologias; a participação na sociedade digital com largo horizonte de interações. Ela está presente no campo profissional, social, econômico, político, cultural, religioso. Aliás, qual campo não é afetado pela cultura digital? Vista a partir de outra perspectiva, ela traz consigo a exposição total dos usuários, que gratuitamente oferecem seus dados para uma simples visita a um *site* ou para fazer um *download*, enquanto cumpre sua tarefa de apoiar-se sobre a criação da

mentalidade digital, a flexibilidade, a colaboração e a captura de mais dados para tomadas de decisão.

Não é demais afirmar – como já o fez o Papa Francisco, em suas Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais – que a cultura digital tem valores, porque ela cria um abrangente modo de ser que incorpora o avanço de tecnologias requintadas para contribuir com o desenvolvimento das pessoas e das sociedades, e o faz de forma admirável. Seus valores, no entanto, não podem encobrir os graves problemas que a cultura digital encerra, na medida em que ela esbarra, o tempo todo, na “despessoalização”, na manipulação de informações por parte de pessoas que representam o poder econômico e político, na fronteira do respeito ao outro, da dignidade humana, da liberdade, da justiça e da paz, da convivialidade, enfim, da ética.

Por isso, as discussões sobre a cultura digital em sua interface com a ética evocam o humanismo integral, fraterno, a serviço da verdade sobre o ser humano, *imago Dei*, e a salvaguarda do meio ambiente, na perspectiva da criação. Nesse sentido, é preciso lembrar que, ao imperativo ético para a cultura digital, corresponde o imperativo ético para cada situação da vida, de modo que, conceitos basilares da ética – como pessoa, sociedade, liberdade, consciência, direito, justiça, bem comum, solidariedade, subsidiariedade, Estado – facilitem a convivência harmoniosa. E a harmonia, segundo o Papa Francisco, é obra do Espírito¹ entre todos, já que “tudo está interligado”.² A ética, na cultura digital, ressalta,

¹ FRANCISCO, Papa. *Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão*. XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Documento Final (26/10/2024), n. 42. Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/news/2024-10-26_final-document/POR---Documento-finale.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2025.

² FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum (24/05/2015), n. 117. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 31 jan. 2025.

sob o ponto de vista cristão, a plausibilidade da luz que o Evangelho projeta sobre a sociedade ao exigir de cada inteligência e consciência a abertura e o assentimento à verdade, à alteridade e à dignidade.³

Podemos falar de uma ética da cultura digital como um conjunto de princípios e valores que orientam o posicionamento e o comportamento das pessoas e instituições no ambiente digital. Princípios esses que precisam ser ensinados para serem aprendidos e apreendidos. A ética digital é importante para garantir o uso responsável das tecnologias digitais, mas, acima de tudo, para garantir o bem-viver de todos no ambiente cultural digital, promovendo a igualdade, o respeito à privacidade e à diversidade, a inclusão dos apartados da cultura digital.

A cultura digital afeta também a relação do ser humano com Deus e com o sagrado e, dessa forma, alcança o universo religioso e eclesial, tornando incisiva a exigência ética. A Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus Cristo e do Evangelho do Reino de Deus por ele anunciado – fiéis leigos e leigas, fiéis de vida religiosa consagrada (religiosos e religiosas) e fiéis ordenados (diáconos, presbíteros e bispos) –, passa a lidar com a vivência da fé cristã, os processos de evangelização e de educação da fé, os serviços a que se dedica por ser ela “escrava da humanidade”,⁴ em ambiente e *modus vivendi* digital.

Modus vivendi digital em que o Povo de Deus deve dar testemunho de sinodalidade, de empenho para fazer a Igreja pobre para os pobres, de colocar – concretamente – a Igreja em saída para as periferias existenciais, socioambientais,

³ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2011, n. 77.

⁴ PAULO VI, Papa. Homília pronunciada na conclusão solene do Concílio (07/12/1965). In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 671.

geográficas, com renovado espírito missionário, levando em conta a dimensão social da evangelização; tornando o tempo superior ao espaço (para valorizar os processos); colocando a unidade acima do conflito (para valorizar a comunidade e a comunhão nas diferenças); reconhecendo que a realidade é mais importante do que a ideia (para valorizar o que de fato existe como ponto de partida); demonstrando que o todo é mais do que a parte e mais do que a simples soma das partes (para valorizar a ação local e os pequenos trabalhos diante do global); e, finalmente, cultivando o diálogo como contribuição para a paz.⁵ A cultura digital necessita da ética. Ela precisa desenvolver sua autocrítica e abrir-se à crítica que a coloca em confronto com valores éticos, porque toda cultura é uma construção e, por isso, é também suscetível a erros, opções danosas e até mesmo ao desejo de impor suas vicissitudes, tal como o estrelismo reservado a poucos alinhados com o poder econômico, “os purismos angélicos, os totalitarismos do relativo, os nominalismos declaracionistas, os projetos mais formais que reais, os fundamentalismos anti-históricos, os eticismos sem bondade, os intelectualismos sem sabedoria”.⁶ Não será possível uma tal cultura digital favorável à humanidade como um todo, muito menos à comunidade de fé, sem os parâmetros éticos que, antes de serem cerceadores, são iluminadores por meio de princípios humanizantes.

Essa reflexão nos possibilita dizer que a Igreja não necessita de influenciadores digitais católicos parametrizados e dominados por agentes do mercado digital e suas monetizações, mas de bons evangelizadores e missionários digitais da fé, preparados e qualificados, testemunhas dos valores do Evangelho, a serviço da missão da própria Igreja, incumbida

⁵ FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24/11/2013), n.238-258. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 31 jan. 2025. Daqui em diante = EG.

⁶ EG 231.

de evangelizar para “tornar o Reino de Deus presente no mundo”;⁷ recuperando a centralidade de Jesus Cristo. A Igreja não necessita de alguns *influencers* poderosos, donos de monopólios e até oligopólios, em meio a uma séria alienação religiosa, mas precisa de incontáveis nanoinfluenciadores digitais católicos, capazes de, em comunhão com o magistério e em sintonia com o seu ensino social, evangelizar, rezar e contemplar, mostrar Jesus Cristo como caminho, verdade e vida, formar a consciência, estimular a cidadania e os processos de transformação da sociedade, com vistas a um mundo de justiça e paz, esperança de todos os homens e mulheres de boa vontade. A atuação de influenciadores digitais da fé nas redes sociais não pode objetivar aquilo que, com todas as letras, já está superado, vencido e não deve voltar, a instalação de uma neocristandade. “Já não estamos num regime de cristandade”, afirma categoricamente o Papa.⁸ Para Francisco, não interessa uma ética de cristandade, mas uma ética do compromisso, do cuidado com a fragilidade do povo e do mundo, que busca uma sociedade renovada à luz do Evangelho. Por isso, ele tem se posicionado, como um profeta, contra o sistema neoliberal e a ideologia tecnocrática, que tem efeitos devastadores no meio ambiente e na sociedade, porque “o sistema social e econômico é injusto na sua raiz”;⁹ tornando-se irreformável.

Contudo, a cultura digital enriquecida e gerida pela ética da vida – o que vale também para a chamada “inteligência artificial” – pode ser um privilegiado ambiente de transmissão da mensagem de conversão pastoral, de *aggiornamento* da Igreja e transmissão da fé cristã, de reflexão e experimentação

⁷ EG 176.

⁸ FRANCISCO, Papa. Discurso proferido à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios (21/12/2019). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html>. Acesso em: 31 jan. 2025.

⁹ EG 59.

pastoral a partir da lógica das redes digitais. Além disso – e isso vale para todos os campos –, é necessário proteger o direito e a responsabilidade de decisão de cada pessoa, favorecer que cada um seja sujeito das próprias escolhas, resguardar a autonomia e a liberdade de todos, promover os direitos fundamentais de todo ser humano, a fim de que cada um seja capaz de reavaliar suas relações interpessoais, com a natureza e com os bens materiais, tutelar e evitar que a sociedade adote estilos de vida sombrios, deixar-se iluminar pela lei do amor, vencer o mal com o bem, tarefa que, incansavelmente, não pode deixar de ser feita (Rm 12,21; Gl 6,9).¹⁰ Os organizadores deste livro – Moisés Sbardelotto, José Antonio Trasferetti e Ronaldo Zacharias –, assim como os autores dos capítulos, brasileiros e estrangeiros, representam uma seleção de pessoas de competência comprovada no campo da teologia moral e da complexa cultura digital, com destaque para a comunicação. Nas duas áreas, tomam como primazia a pessoa humana (todas as pessoas) e tudo o que compõe a sua dignidade. São pesquisadores, conferencistas e professores que atuam inovando. Todavia, são próximos, pessoas de muitos amigos, servidores do Povo de Deus, como bons acadêmicos e bons interlocutores no cotidiano da vida.

Que estas páginas estimulem os leitores a não desanimarem diante dos desafios ético-pastorais que os diversos temas sugerem, mas a assumi-los com a esperança que anima aqueles que sabem em que colocaram a própria confiança (2Tm 1,12). Boa leitura a todos!

Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães
Bispo Coadjutor da Diocese de Santos -SP

¹⁰ EG 101.